

## PANORAMA DA PALATALIZAÇÃO EM SERGIPE

*Raquel Meister Ko. Freitag  
Antônio Félix de Souza Neto  
Thais Regina Andrade Corrêa*

### INTRODUÇÃO

A variação social da língua pode ser observada pelo contraste entre diversas amostras de uma dada população, representativas dos diferentes grupos que a compõem, a partir da qual se determina o valor social da variável para cada grupo, de modo a definir o tipo de fala que é esperada para determinado grupo nessa comunidade; ou, então, pode ser observada a partir da determinação do padrão de distribuição da variável na comunidade e identificar as características sociais de quem fala daquele jeito, de modo a definir de que grupo é percebido esse modo de falar (LABOV, 2006 [1967]).

Estudos nessa direção têm contribuído para a descrição de uma norma linguística brasileira do português, que se configura em prescrições nas gramáticas contemporâneas brasileiras, se desligando de uma tradição lusitana, e no estabelecimento de frequências que validam as fronteiras dialetais constituídas na comunidade de fala brasileira.

Um fenômeno linguístico que tem sido amplamente estudado na comunidade de fala brasileira é a variação entre as realizações oclusivas e palatais de /t/ e /d/, cujos resultados permitem o delineamento de fronteiras dialetais e

sociais. Estudos de orientação sociolinguística e dialetológica (cf. ABAURRE; PAGOTTO, 2002; MAURI, 2008; DUTRA, 2007; BATTISTI *et al*, 2007; BATTISTI, 2011; BATTISTI; DORNELES-FILHO, 2015; PAULA, 2006; PIRES, 2007; MOTA, 2008; CARDOSO *et al.*, 2014, dentre outros) sinalizam a preferência e o predomínio da variante palatal diante da vogal /i/, o que é abonado por instrumentos normativos contemporâneos do português brasileiro, como ilustram os excertos abaixo:

Por ser amplamente distribuído no território brasileiro, e por constituir **pronúncia de prestígio**, essa palatalização não é repelida por ninguém. Ao contrário, **a pronúncia [di] e [ti], sem palatalização, que é tida como 'regional'** (nordestina ou 'caipira', por exemplo). (BAGNO, 2013, p. 325, grifos nossos).

Em português, [tʃ] é apenas 'outra pronúncia', isto é, um alofone do fonema /t/, **usual em certas áreas do Brasil, como o Rio de Janeiro**, quando /t/ precede /i/, oral ou nasal. (AZEREDO, 2008, p. 375, grifos nossos).

As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de i podem palatalizar-se: tinta e digna podem soar /txinta/ e /djigno/. **Evite-se o exagero dessas palatalizações.** (BECHARA, 2009, p.70, grifos nossos).

Como podemos ver nos textos citados, as gramáticas contemporâneas do português brasileiro (PB) estabelecem que a variante palatal é reconhecida como a forma prestigiosa e a ocorrência da variante oclusiva é associada à região Nordeste do Brasil. No entanto, do ponto de vista sociolinguístico e dialetológico, não há homogeneidade quanto ao uso da variante oclusiva na região Nordeste, como mostram os resultados do estudo de Mota (2008): enquanto Maceió (8%) e Recife (13%) apresentam predomínio da variante oclusiva, Salvador (100%) tem uso categórico da variante palatal; Aracaju (21%), geograficamente entre as duas regiões dialetais, vem passando por um processo de mudança em direção à variante palatal.

O objetivo deste texto é apresentar o estado da variação entre as realizações oclusivas e palatais de /t/ e /d/ em Sergipe, considerando os aspectos fonológicos e sociais que condicionam esta variação. Inicialmente, postulamos o recorte arbitrário da variável em questão, apresentando o gradiente de palatalização; em seguida, apresentamos, em um estudo da variação em tempo real, o estágio da mudança linguística em relação às variantes no estado de Sergipe, sob a perspectiva da produção e da percepção linguística. Por fim, apresentamos uma agenda de trabalho para uma melhor compreensão do fenômeno da palatalização e sua correlação com fatores internos e externos – inclusive psicológicos – envolvidos na variação.

## 1 PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO: GRADIENTE E ARBITRARIEDADE

Embora se considere do ponto de vista fonológico e perceptual que a variação nas realizações de /t/ e /d/ seja binária, na oposição entre oclusivas e palatais, do ponto de vista fonético-articulatório, a realização é gradiente, num contínuo com cortes arbitrários para as realizações oclusivas plenas ([t] e [d]), palatalizadas ([tʲ] e [dʲ]), africadas alveolares ([tʃ] e [dʒ]) e alveopalatais ([tʃ̺] e [dʒ̺]) (FREITAG; SOUZA, 2016; SOUZA NETO, 2019). Contudo, os estudos das realizações de /t/ e /d/ no PB geralmente identificam palatalizadas e africadas palatais como duas denominações de um mesmo fenômeno, engatilhado por uma vogal /i/ adjacente.

De acordo com Pike (1971 [1947]), uma africada não deve ser interpretada como realização de mais de um segmento fonêmico ou resultado de processo, mas como uma única realização fonêmica. As africadas alveolares ([tʃ] e [dʒ]) são segmentos de realização “homorgânica” e as africadas palatais ([tʃ̺] e [dʒ̺]) como segmentos passíveis de realização “homorgânica” e/ou “heterorgânica”; nos termos de Pike (1971 [1947]), a oclusiva seguida imediatamente de fricativa pode ocorrer: 1) no mesmo ponto – nos alvéolos, caso de [tʃ] e [dʒ]; 2) na região pós-alveolar, caso de [tʃ̺] e [dʒ̺]; ou 3) em pontos distintos – oclusão nos alvéolos seguida de fricção na região pós-alveolar, caso de [tʃ̺] e [dʒ̺] (cf. SOUZA NETO, 2019). Por isso, adotamos a mesma representação formal das realizações africadas pós-alveolares que a das africadas palatais.<sup>1</sup> Na produção dos sons africados, há dois ou três tipos de fontes conjugadas: fonte de ruído transiente (correspondente à fase oclusiva), fonte de ruído contínuo (correspondente à fase fricativa) e fonte de voz (caso das vozeadas) (BARBOSA; MADUREIRA, 2015). Barbosa e Madureira (2015) distinguem as realizações africadas do português brasileiro como segmentos com duas fases distintas (oclusiva e fricativa), cada uma das quais com características acústicas próprias.

Essa gradiência fonética se traduz em recortes fonológicos que são resultados de um processo denominado de **palatalização** e é condicionado pelo am-

<sup>1</sup> Africadas são oclusivas cuja soltura da constrição é modificada de modo a produzir uma subsequente fricção prolongada (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Essa concepção da africada [tʃ] reduz a fase fricativa da africada a uma realização específica da oclusiva com uma soltura prolongada. Para Ladefoged e Johnson (2011); nem toda sequência de oclusiva seguida de fricativa pode ser interpretada como africada: são palato-alveolares (alveopalatais, mais precisamente, porque realizam duas fases distintas no contínuo entre alvéolos e palato duro) as africadas [tʃ̺] e [dʒ̺] e as realizações palatalizadas são produto de articulação secundária.

biente circunvizinho: quando os fonemas /t/ e /d/ são antecidos por semivogal /y/ ou quando seguidas da vogal alta /i/, vogal média /e/ átona em posição elevada [i], vogal fonológica, da vogal fonética, respectivamente, ou da semivogal /y/, eles podem ser realizados como oclusivas ([t] e [d]), palatalizadas ([tʲ] e [dʲ]), africadas alveolares ([t͡s] e [d͡z]) e africadas alveopalatais ([t͡ʃ] e [d͡ʒ]). Nos demais contextos, a realização de /t/ e /d/ é oclusiva [t] e [d], como em [t]apa, [t]oalha, [t]eto, a[t]acado.<sup>2</sup> Ao primeiro processo, denominamos de palatalização progressiva (gatilho anterior), e ao segundo, palatalização regressiva (gatilho posterior). O quadro 1 ilustra cada uma das realizações; embora exista a gradiência do ponto de vista fonético, do ponto de vista fonológico, o recorte das variantes se dá na oposição oclusiva/palatal, considerando que a realização palatal contempla todos os matizes fonéticos explicitados anteriormente.

**Quadro 1-** Realizações variáveis das consoantes /t/ e /d/ no português brasileiro

| <b>Palavra</b> | <b>Consoantes /t/ e /d/ realizadas como oclusivas</b> | <b>Consoantes /t/ e /d/ realizadas como palatais</b> | <b>Ambiente</b>                       |
|----------------|---|--|---------------------------------------|
| Doido          | doi[d]u   | doi[d͡ʒ]u  | Antecedida por <i>glide</i> [y]       |
| Oito           | oi[t]u  | oi[t͡ʃ]u   | Antecedida por <i>glide</i> [y]       |
| Dia            | [d]ia   | [d͡ʒ]ia  | Seguida por vogal alta fonológica [I] |
| Tia            | [t]ia   | [t͡ʃ]ia  | Seguida por vogal alta fonológica [I] |
| Pote           | po[t]i  | pó[t͡ʃ]i   | Seguida por vogal fonética [I]        |
| Pode           | po/d/i  | po/d͡ʒ/i   | Seguida por vogal fonética [I]        |
| Pátio          | pa[t]iu   | pa[t͡ʃ]iu  | Seguida por semivogal [y]             |
| Rádio          | ra/d/io   | ra/d͡ʒ/io  | Seguida por semivogal [y]             |

Fonte: Elaboração própria.

Historicamente, o português teria apenas consoantes oclusivas, tendo as africadas alveopalatais surgidas em decorrência do processo de palatalização, processo que distingue a variedade brasileira das demais variedades do português, como apontam Cristóvão-Silva *et al.* (2012). Segundo os autores, embora

<sup>2</sup> Exceto palavras estrangeiras como *tchau*, *jazz*, e na região dialetal mato-grossense (Cuiabá), com realizações palatais (CRISTÓFARO-SILVA, 1999).

a palatalização de /t, d/ seja relativamente recente no português brasileiro, já tem sido caracterizada “com um caso bastante rico e multifacetado para o estudo da variação e mudança sonora” (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012, p.61). No entanto, as realizações africadas alveolares e palatais já existiam com valor fonêmico desde o galego-português, ainda que restritas a algumas áreas dialetais de Portugal (TEYSSIER, 2001), assim como no substrato etnolinguístico das comunidades de fala existentes no território onde hoje é Sergipe.<sup>3</sup> O fator geográfico e os condicionamentos do substrato etnolinguístico exercem forte influência no processo de variação, pois mesmo que os contextos linguísticos sejam propícios à realização das variantes palatalizadas, a sua ocorrência não apresenta distribuição regular em todas as variedades dialetais brasileiras.

Nas variedades em que as consoantes /t/ e /d/ estão em processo de variação entre oclusivas alveolares [t] e [d] e palatalizadas [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta /i/, [i] ou semivogal /y/, as variantes palatalizadas são mais recorrentes na fala dos mais jovens, dos mais escolarizados, das mulheres, configurando um comportamento de marcador linguísticos. No estado de Sergipe, a palatalização das consoantes /t/ e /d/ ocorre nos ambientes progressivo e regressivo e a maior ou menor frequência de uso da realização de [tʃ] e [dʒ] em um ambiente ou no outro é condicionada pelos fatores sociais (SOUZA NETO, 2014 [2008]; FREITAG, 2015a,b; SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019).

## 2 PALATALIZAÇÃO EM SERGIPE

Por estar em uma região de fronteira dialetal, como evidenciam os dados dialetológicos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014), o estudo da palatalização em Sergipe mostra-se particularmente produtivo, pois é possível identificar a influência dos condicionadores externos e psicológicos desta mudança.

<sup>3</sup> Atestam-se as realizações africadas alveolares e palatais nas línguas indígenas, como o *kipeá* da língua *kiriri* (AZEVEDO, 1965), e nas línguas de africanos escravizados trazidos ao Brasil pelo colonizador português e que, assim como as línguas indígenas faladas nas terras onde hoje é Sergipe, constituem o substrato da origem histórica do Português Brasileiro (LUCCHESI; BAXTER, 2006; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). Africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) são também documentadas em outras línguas com histórico de colonização semelhante ao Brasil, a exemplo das línguas crioulas de base portuguesa, tais como *guineense* (SCATAMBURLO, 2007), *santome* (FERRAZ, 2001), *angolar* (MAURER, 1995), *fá d’ambô* (SERGOBE, 2010), *kabuverdianu* (CARDOSO, 1989), *papiamentu* (KOUWENBERG; MURRAY, 1994) etc.

Em linhas gerais, no ambiente regressivo (como em *tia, dia*), nos estudos de produção, a variante palatal está em um processo em incremento de uso na comunidade, liderado por falantes de maior escolarização e em regiões urbanas (SOUZA NETO, 2014 [2008]; SOUZA, 2016; PINHEIRO; SILVA; CARDOSO, 2018; CORRÊA, 2018, 2019). É uma variante que é alvo de prestígio aberto na comunidade, o que se manifesta por metacomentários avaliativos do uso (“*falando como carioca, cheio de tchi, tchi, tchi*”) e que é amparado por instrumentos normativos, como vimos na introdução (FREITAG, 2019a). Já no ambiente progressivo (como em *oito e doído*), os estudos evidenciam um processo de decréscimo de uso na comunidade, com a variante palatal sendo mantida por falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas (FREITAG, 2015a,b; EVANGELISTA; SANTANA; ANDRADE, 2016; PINHEIRO; SILVA; CARDOSO, 2018; CORREA, 2018). É uma variante que não tem prestígio aberto, o que também se manifesta em metacomentários avaliativos do uso (“*O povo do interior, sem muita cultura, é que fala petcho*”). Considerando que a avaliação da língua é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes, e que em termos de apreciação social, nos termos de Labov (1972), as variáveis que são socialmente marcadas de forma consciente pelos falantes são caracterizadas como estereótipos, em Sergipe, as pistas de produção sugerem que a variante palatal, em ambiente progressivo é um estereótipo negativo, enquanto a variante palatal, em ambiente regressivo, é um estereótipo positivo.

Souza Neto (2014 [2008]) investigou a variação de /t/ e /d/ na comunidade de fala de Aracaju, capital do estado de Sergipe, em ambiente com o gatilho (a vogal /i/) precedente e seguinte, em uma amostra constituída por 36 entrevistas, em situações de uso espontâneo. Das 3719 ocorrências, 7% se referem à realização palatal em ambiente regressivo, que é linguisticamente condicionado pelo vozeamento da consoante, com efeito de sexo/gênero (maior uso por homens), faixa etária (os mais jovens, entre 8 e 25 anos) e renda familiar (renda acima de 10 salários mínimos).

O estudo de Souza (2016) ampliou o escopo geográfico da investigação da variação de /t/ e /d/ para, além da comunidade de fala de Aracaju, incorporando Itabaiana e Lagarto, mas restringindo o grupo de falantes ao perfil universitário. A amostra foi constituída por 60 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013; 2017), com 20 falantes de cada comunidade. Para fins de análise, foram consideradas as primeiras 50 ocorrências do fenômeno em cada uma das 60 entrevistas, totalizando 3000 dados. A taxa de palatalização identificada foi de 12%, com efeitos de sexo/gênero (as mulheres

foram as que fizeram maior uso da variante palatal, com 14,5%, contra 9,5% dos homens), região geográfica (em Aracaju a realização palatal foi de 21,7%, enquanto os grupos geográficos Itabaiana e Lagarto apresentaram frequência muito mais baixa de aplicação, com 7,7% e 6,6%, respectivamente). Comparando o resultado dos dois estudos, evidencia-se o aumento no uso variante palatal na capital do estado em um intervalo de aproximadamente 10 anos, passando de 7% para 21%.

Mudando o escopo de comunidade de fala para comunidade de práticas, Corrêa (2019) também investigou a variação na realização de /t/ e /d/, em uma amostra constituída na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe, no *campus* de São Cristóvão (sede da instituição, na região da Grande Aracaju), considerando os efeitos do deslocamento dos estudantes e do tempo de curso e a sua integração às práticas da comunidade. A amostra é constituída por 64 entrevistas com estudantes estratificados quanto a seus deslocamentos: I) moradores da grande Aracaju (nascidos e criados); II) moradores do interior do estado (nascidos e criados) que se deslocam no movimento pendular para estudar na universidade; III) nascidos e criados no interior, mas que vieram morar na capital por causa da universidade; IV) nascidos e criados em outros estados, mas que vieram morar em Aracaju por causa da universidade. Foram analisados 200 contextos de ocorrência do fenômeno (100 do início e 100 do final da entrevista) de cada entrevista, totalizando 12.800 dados. A frequência global da realização palatal é de 27% das ocorrências; no entanto, quando considerado cada tipo de deslocamento, os resultados são diferentes: a variante palatal ocorreu com maior frequência no deslocamento IV (68%), relativo aos falantes que são de outros estados; no deslocamento I, referente aos falantes da capital, a taxa de realização da variante palatal é de 17%; já nos deslocamentos II e III, relativos aos falantes do interior do estado, a diferença não é significativa, com 10,5% e 11%, respectivamente. Em relação ao sexo/gênero, o estudo apontou que os homens são os que mais usam a variante palatal, seguindo o que identificou Souza Neto (2014 [2008]) em Aracaju.

Um resultado importante verificado pela coleta na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe é o que evidencia o efeito do tempo de curso na taxa de realização palatal: na tabulação cruzada entre o deslocamento e o tempo de curso, há aumento no uso da variante palatal nos deslocamentos I (de 15,6% para 18%), II (de 10% para 11%) e IV (62% para 74,5%). O aumento foi mais acentuado entre falantes de sexo/gênero feminino, denotando a sua sensibilidade ao valor social atribuído variante. Tais resultados sinalizam que, no

ambiente regressivo, a mudança em Sergipe está mais adiantada na capital do estado em relação às cidades do interior e que o contato propiciado pela mobilidade potencializa e dinamiza a mudança, embora ainda incipiente, da variante que é estereótipo positivo na comunidade.

No ambiente com o gatilho no contexto precedente, Souza Neto (2008) identificou 478 ocorrências, com aplicação de 44% da realização palatal, na capital, Aracaju. Em um estudo em uma comunidade de práticas religiosas na região rural de Lagarto, no interior do estado, Freitag (2015a,b) identificou 775 ocorrências do fenômeno, com aplicação de 23% da realização palatal. O estudo evidenciou, no entanto, que a palatalização é sensível à dimensão estilística, com presença da variante em estilos de fala como em entrevistas (31,5%) e fala formal (30,5%), mas sem realizações em situação de leitura e de oração. Na fala de universitários, a realização palatal em ambiente progressivo não é estatisticamente significativa, e quando ocorre, é reparada, o que, juntamente com o fato de ser associada ao interior e pouca escolarização, reforçam o caráter de estereótipo negativo da variante. O efeito da escola no fenômeno pode ser também observado em um estudo sobre processos variáveis da fala que passam à leitura (PINHEIRO et al., 2017), realizado com estudantes da educação básica de escolas públicas de Aracaju, que constatou que a palatalização em ambiente progressivo é restringida na leitura (0,3% de ocorrências), enquanto a palatalização em ambiente regressivo passa à leitura em taxa de realização muito próxima do que é encontrado na comunidade em estudos de fala (12%).

O julgamento das variantes, em estudos de percepção, provê mais evidências da caracterização de estereótipo positivo para a variante palatal em ambiente regressivo e estereótipo negativo, em ambiente progressivo.

A partir da técnica de *verbal guise*, participantes universitários de Aracaju avaliaram características pessoais e linguísticas a partir de estímulos auditivos autênticos também de falantes universitários de Aracaju, em uma escala binária de características estéticas (agradável, desagradável, bonita, feia), características dialetais (fala cantada, não cantada, lenta, rápida), estilísticas (confusa, clara) e características geográficas (interior, capital) e de origem dialetal (baiana, sergipana ou pernambucana) (FREITAG, SANTOS, 2016). Os resultados do julgamento produzido por 19 participantes universitários no *verbal guise* foram submetidos a uma análise de componentes principais, uma técnica para identificar variáveis de grupo subjacentes a um conjunto de medidas que parte do princípio de que a variância pode ser amplamente explicada por um número menor de fatores subjacentes, com cada fator consistindo de



várias variáveis. Para os dados de julgamento em questão, a análise de componentes principais apontou três conjuntos de características: estética, rítmica e regional. A variante palatal no ambiente regressivo é considerada mais agradável, mais bonita, e da capital. Já no ambiente progressivo, é menos agradável e menos bonita, e associada ao interior.

Para identificar os gatilhos de mudança no ambiente regressivo, em que homens e mulheres têm padrões de realização da variante palatal diferentes, a avaliação do grau de concordância entre os julgamentos masculino e feminino pode trazer evidências adicionais da direção da mudança. Além do percentual de julgamentos, apresentado por Freitag e Santos (2016), o teste *Kappa* permite medir o quanto os falantes-juízes de ambos os sexos concordam com um dado julgamento (FREITAG, 2019a).

A fórmula do teste *Kappa* considera a porcentagem de concordância esperada e a observada. A porcentagem observada é a proporção de julgamentos em que os falantes-juízes de ambos os sexos estão de acordo; e a esperada é a proporção de julgamentos que seriam esperados por conta do acaso, ou seja, se os dois falantes-juízes estão atribuindo notas aleatoriamente. Os resultados do teste *Kappa* expressam níveis de concordância entre os falantes-juízes, já que a concordância perfeita não acontece; no caso do julgamento de um traço em mudança em progresso, como é o caso da variante palatal no ambiente regressivo, a não concordância entre juízes homens e mulheres aponta para as características convergentes na comunidade.

Em ambiente regressivo, há maior convergência nos julgamentos das mulheres do que entre os julgamentos dos homens; já em ambiente progressivo, o resultado *Kappa* aponta para concordância mínima-fraca para a característica estética “clara” e a característica rítmica “rápida” entre homens e mulheres. As juízes-mulheres apresentam o mesmo padrão mostrado em ambiente regressivo, mas o mesmo não pode ser dito sobre os juízes-homens, com julgamentos mais altos para a variante que é estereótipo negativo.

Em um teste do tipo *matched guise*, Corrêa e Ribeiro (2018) ampliaram o estudo de reação subjetiva com falantes sergipanos em relação às variantes de /t/ e /d/ em ambiente regressivo e progressivo, com participantes tanto da capital como do interior de Sergipe. A variante palatal em contexto regressivo é considerada mais prestigiosa, com médias mais altas do que a nota dada à realização oclusiva. Ao contrário, a variante oclusiva em contexto progressivo é considerada mais prestigiosa do que a variante palatal. Esta percepção é a mesma, tanto por parte dos falantes-juízes residentes na capital quanto no interior.

Como vimos, a variação, em ambiente regressivo, é liderada por falantes mais escolarizados e da capital. Assumindo a proposta de “monitor sociolinguístico” (LABOV et al., 2011), segundo a qual o julgamento de uma variável linguística depende da frequência de sua ocorrência, Freitag (2019b) realizou uma abordagem experimental a fim de desvelar a relação entre saliência cognitiva e consciência social em estudos de percepção sociolinguística, a partir do monitor sociolinguístico, tarefa que consiste na apresentação de um conjunto de estímulos com diferentes gradações de uma variável sociolinguística (100% - 70% - 50% - 30% - 0%). Neste estudo, a tarefa dada ao participante foi julgar o conjunto de estímulos auditivos quanto ao profissionalismo do locutor em escala Lickert de 7 pontos. Todos os estímulos foram gravados pela mesma locutora, com diferentes gradientes de realização palatal, aleatoriamente no conjunto de dados a serem avaliados. Os resultados apontam que a gradiência da frequência da variante palatal em ambiente regressivo não é significativa para a avaliação social na comunidade. Há diferenças quanto ao nível de escolarização: quanto maior a escolarização, mais estável o julgamento. A variante que é estereótipo positivo não apresenta sensibilidade de julgamento quanto à sua frequência, e demanda maior tempo de resposta. Ao contrário, a ocorrência de uma única realização palatal em ambiente regressivo faz com que a diferença nas médias de julgamento apresente um padrão curvilíneo, aos moldes do que Labov et al. (2011) encontraram para os padrões de frequência das variantes de *-ing*. A variante que é estereótipo negativo é sensível à frequência e demanda menor tempo de resposta, padrão que se repete em demais fenômenos variáveis em que uma variante é considerada estereótipo negativo (como é o rotacismo, por exemplo).

Os estudos sobre a variação nas realizações de /t/ e /d/ em Sergipe permitem identificar tanto o valor social da variável nos diferentes grupos identitários da comunidade, assim como as características sociais de quem faz uso de cada uma das variantes e em que contextos. O fato de o fenômeno estar em processo de mudança permite propor uma agenda de investigação que possibilita ampliar o poder explanatório da teoria sociolinguística, considerando a gradiência e os efeitos dos contatos na acomodação linguística.

### 3 AGENDA DE PESQUISA

O estudo de um processo de mudança em curso, com direcionais delineados por estudos de tempo aparente e por tempo real, considerando a diversidade de contextos estilísticos e dialetais, possibilita o desenvolvimento de novas técnicas

de coleta e de análise de dados que podem contribuir para o aprimoramento do modelo teórico.

Na abordagem de produção, o modelo de análise quantitativa que se consolidou na sociolinguística (regressão logística), implementado pelo *software* Varbrul e sucessores, tem sido substituído por outras modelagens estatísticas, mais apropriadas para variáveis contínuas, como é o caso da palatalização enquanto processo, com a gradiência das realizações de oclusivas plenas ([t] e [d]), palatalizadas ([t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>]), africadas alveolares ([t̪s] e [d̪z]) e alveopalatais ([t̪ç] e [d̪ʒ]). O controle de aspectos acústicos tais como os apontados por Barbosa e Madureira (2015), como o ruído transiente (correspondente à fase oclusiva), ruído contínuo (correspondente à fase fricativa) e voz (caso das vozeadas) enquanto fatores contínuos permite a implementação de modelos de regressão lineares, que possibilitam o desvelamento do espectro da palatalização e sua expansão em um processo de mudança linguística. A adoção de uma análise que considere a variável como contínua (e não discreta e binária), aliada às ferramentas de georreferenciação, permite também que os resultados da palatalização sejam utilizados em uma técnica de interpolação para a determinação da variação no escopo geográfico conhecida como *krigagem* (GRIEVE, 2017).

Do mesmo modo, a abordagem de percepção pode se valer de estratégias como a do monitor sociolinguístico (LABOV et al. 2011), que considera o quão sensíveis são os falantes às diferenças quantitativas na produção das regras variáveis, mas não só quanto à variante binária (percentual de presença de cada variante), mas sim a gradiência da palatalização (oclusivas plenas ([t] e [d]), palatalizadas ([t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>]), africadas alveolares ([t̪s] e [d̪z]) e alveopalatais ([t̪ç] e [d̪ʒ]).

Os efeitos de situações de contato linguístico no condicionamento da variação, seja pela acomodação à fala (em função de origens dialetais diferentes), seja pelo tempo de exposição (convívio na comunidade), evidenciados na variação de /t/ e /d/ em ambiente regressivo, permitem que sejam explorados aspectos relativos à mobilidade dos falantes e a constituição de uma norma linguística em situação de contato, especialmente na comunidade de práticas universitária, espaço em que se estabelece a modalidade culta da língua e os usos modelares. Tais linhas de trabalho, na agenda de pesquisa do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – Gelins, podem contribuir para o crescimento e expressividade da sociolinguística não só português nordestino (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016), assim como do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete; PAGOTTO, Emilio Gozze. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/ In: ABAURRE, Maria Bernadete. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 195-236.

ANDRADE, Thaís Regina Conceição; EVANGELISTA, Flávia Regina Santana; SANTANA, Rebeca Rodrigues de. A palatalização das oclusivas dentais [tʃ] e [dʒ] antecedidas por glide em São Cristóvão/SE. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 6, p. 622-637, 2016.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEVEDO, Gilda Maria Correa de. *Língua kiriri: descrição do dialeto Kipeá*. Dissertação. Mestrado em Letras. Universidade de Brasília, 1965.

BAGNO, Marcos. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.

BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BARRENA, Rvdo. Natalino. *Gramática annobonesa*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1957.

BATTISTI, Elisa. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 5, n. 9, p. 1-29, 2007.

BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Diadorim: *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, n.8, 2011. p. 103-124.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. Análise em tempo real da palatalização de/t/e/d/no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, 2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARDOSO, Eduardo Augusto. *O crioulo da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et. al. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, p.123, 2014.

CORRÊA, Thais Regina Andrade; RIBEIRO, Cristiane Conceição Santana. Avaliação social da palatalização de /t, d/ em Sergipe. *A Cor das Letras*, v. 19, p. 109-123, 2018.

CORRÊA, Thais Regina Andrade. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Sergipe, 2019.

CORRÊA, Thais Regina Andrade. Estereótipo, estigma e preservação de faces: a realização africana de oclusivas alveolares seguidas de glide palatal em uma comunidade escolar de Aracaju/SE. *Caderno Seminal*, v. 30, n. 30, p.316-344, 2018.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; BARBOZA, Clerton; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul*. 2007. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2001.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SOUZA, Gládisson Garcia de Aragão. O caráter gradiente vs. discreto na palatalização de oclusivas em Sergipe. *Tabuleiro de letras*, v. 10, n. 2, p. 78-89, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 37, n. 2, p. 127-136, 2015a.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, Linguagem e Poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blücher, 2015b. p. 17-74.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Kappa statistic for judgment agreement in Sociolinguistic. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2019a.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Effects of the on-line linguistic processing: palatals in Brazilian Portuguese. *Upenn Working Papers in Linguistics*, 2019b.

FREITAG, Raquel Meister Ko. et al. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski; GORSKI, Edair Maria. (org). *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blücher, 2016, p. 141-160.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blücher, 2016, p. 109-122.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, e41173, 2018.

GRIEVE, Jack. Spatial statistics for dialectology. In: BOBERG, Charles; NERBONNE, John A.; WATT, Dominic James Landon (Ed.). *The handbook of dialectology*. Oxford: Willey, 2017, p. 415.

KOUWENBERG, Silvia; MURRAY, Eric. *Papiamentu*. München: Europa, 1994.

LABOV, William, et al. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, v. 15, n. 4, p. 431-463, 2011.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LADEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. *A course in phonetics* (6th ed.). Boston: Cengage, 2011.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LOPES, Norma da Silva; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan Norman. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 163-218.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAURER, Phillippe. *L'angolar: un créole afro-portugais parlé à São Tomé: notes de grammaire, textes e vocabulaires*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1995.

MAURI, Cristina. *Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forquetas, Caxias do Sul (RS)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 2008.

MOTA, Jacyra. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

PAULA, Alice Telles de. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi RS análise quantitativa*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIKE, Kenneth. *Phonemics a technique for reducing language to writing*. 12 ed. Ann Arbor/The University of Michigan Press, 1971 [1947].

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques, et al. Processos fonológicos que passam da fala para a leitura. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de, ROIPHE, Alberto (Orgs.). *Leitura, escrita e literatura: interseções e convergências*. São Cristóvão: Editora UFS, 2017, p. 10-25.



PINHEIRO, Bruno Felipe Marque; SILVA, Lucas Santos; CARDOSO, Paloma. Batista Como estudantes do ensino médio acham que falam? crenças sobre a palatalização de oclusivas e expressão da 1ª pessoa do plural. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 41, p. 180-195, 2018.

PIRES, Lisiane Buchholz. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007.

SCATAMBURLO, L. *Dicionário do guineense*: volume I: introdução e notas gramaticais. Lisboa: Edições Colibri, 1699.

SERGOBE, A. Z. *Gramática descritiva del fá d'ambô II*. Barcelona: CEIBA Ediciones, 2010.

SOUZA NETO, Antônio Félix de. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju Sergipe*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Alagoas, 2008.

\_\_\_\_\_. Realizações Palatalizadas de /t/ e de /d/: segmentos de contorno ou segmentos complexos? o caso de Sergipe. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v.10, n. especial, 2010, p. 141-149.

\_\_\_\_\_. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE*. Editora da UFS, 2014.

\_\_\_\_\_. *Realizações palatalizadas (/t<sup>j</sup>/ e /d<sup>j</sup>/) e/ou africadas palatais (/tʃ/ e /dʒ/) e sua correlação com ditongos no nordeste do Brasil*. In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. *Estudos Sobre o Português do Nordeste*. São Paulo: Blucher, 2017, p. 107-130.

\_\_\_\_\_. *Realizações oclusivas plenas ([t] e [d]), palatalizadas ([t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>]) e africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em contexto de ditongo, no português falado em Sergipe*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas, 2019.

SOUZA, Gládisson Garcia Aragão. *Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2016.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.